

## Em homenagem à tradição

Foi em Elche...

Em Elche, de que eu apenas ouvira falar porque de lá viera a tão afamada *Dama Ibérica*, hoje bem guardada e resguardada no Museu Arqueológico de Madrid de onde lhe não permitem sair, dizem uns que para bem da sua integridade física, outros que por suspeitoso zelo da capital do reino de Espanha.

Em Elche, do palmeiral imenso, da vizinhança das belas praias levantinas, dos testemunhos arquitectónicos com que os homens souberam marcar a paisagem sem a ferir, enlaçando os gostos díspares dos tempos num convívio que apetece encorajar.

Em Elche se representou no dia primeiro de Novembro, cumprindo uma tradição que vem pelo menos do século XVI (talvez apenas o da data do seu baptismo escrito), um *Misteri*, uma longa sequência dramática que, actualizando informação dos evangelhos apócrifos, nos conta, em antigo valenciano e com um contagiante envolvimento melódico, como morreu e subiu aos céus a Virgem Nossa Senhora.

O espectáculo repete-se anualmente em Agosto (vigília e festa da Assunção) e, de dois em dois anos, na celebração de Todos os Santos (dia inteiro), a recordar a proclamação do dogma por Pio XII, em 1950.

São actores os habitantes da cidade, entre os quais obrigatoriamente três sacerdotes que protagonizam Deus Pai, o Anjo Maior e São Pedro; são espectadores comprometidos muitos outros cidadãos, de Elche ou dos arredores, espanhóis apegados às suas tradições ou turistas curiosos, a maioria dos quais participa na procissão ao ar livre que separa as duas partes do mistério (antes e depois da morte da Virgem).

O grande cenário é a catedral, desde o pórtico até ao cruzeiro, com entradas diversificadas dos protagonistas e uma apurada trama que possibilita aberturas junto ao solo e no alto.

Da *Porta do Céu*, aliás, engenhosamente inserida numa lona pintada que cobre parcialmente a cúpula da igreja, várias descidas se verificam: a de uma grande romã (*Mangrana* ou *Granada*) que se abre para

que um Anjo corresponda ao pedido da Virgem que amorosamente solicita a partida para junto do filho, a de um *Araceli* destinado a dignamente recolher o corpo e posteriormente corpo e alma da mãe de Jesus e a de uma figuração viva da Santíssima Trindade para a coroação final de Maria que tem lugar a meio do percurso entre a retirada do sepulcro e a chegada ao espaço celeste.

São dos que mais nos afectam estes momentos de simulada intercessão divina na glorificação da Virgem; pela grandiosidade de um espectáculo que acompanhamos em distintos níveis, pela solenidade dos cânticos que o integram, pelo saber fazer dos empenhados actores. A lentidão dos movimentos permite o saborear do gestual, a música desperta-nos a memória para antigos hinos litúrgicos que infelizmente vamos esquecendo, a suavidade contrastante das cores (sobretudo azul, dourado e branco) enchemos o olhar de paz e alegria.

E, no entanto, há outras intervenções que dificilmente esquecerei; como a da entrada dos apóstolos miraculosamente reunidos para confortar na sua agonia a mãe do Mestre, como a da actuação da *judiada*, primeiro decidida a roubar o corpo imaculado e logo milagrosamente convertida à fé dos cristãos.

Surgem os apóstolos, isolados ou em pequenos grupos (São Tomé, sempre ele a duvidar, será o último), por diferentes portas da catedral, alternando nos dizeres e nos cantares, mas todos *teatralmente* manifestando o seu assombro pelo inesperado encontro (magníficas as vozes e a capacidade histriónica de São João, de São Pedro e de Santiago); surpreendem-nos os judeus de roldão, desconfiados e agressivos, soltando impropérios e esbracejando desmedidamente até terem prova inequívoca da sua sem razão e aos apóstolos se reunirem, de mansinho, na procissão à volta do túmulo de Maria (deslumbrante a alteração nos ritmos e nos movimentos).

Uns e outros (e a eles nos juntamos) contemplarão maravilhados uma apoteose que, para todos, deixa como objecto de veneração a bellissima imagem de Nossa Senhora da Assunção, padroeira querida da cidade, em substituição (já anteriormente levada a cabo) do jovem protagonista (mantém-se a ausência das mulheres do *palco*) que, como Virgem, cantara e nos encantara.

Terminada a aliciante cerimónia, ainda guardamos, para além das imagens que vão ficar, a poalha dourada que se espalha pela catedral como caída do Céu e a energia dos aplausos dos assistentes que, durante horas e horas, foram capazes de admirar uma surpreendente realização teatral, matizar os cânticos que melhor conheciam e, talvez mais uns que outros, reavaliar as forças e fraquezas da sua fé, tão regularmente abalada pelas insensatas prioridades de um dia-a-dia que pouco com ela tem a ver.

Foi em Elche...  
Em Elche se repetirá...

\*\*\*

Desfrutaram muitos da surpreendente (para mim, pelo menos) mestria de uns quantos, apoiando, cada qual a seu modo, a teimosia de um punhado de gente para quem a tradição é muito mais que a vaga nostalgia de um passado que se venera sem esperança de recuperação. E isso foi saudável, foi convincente, fez nascer ideias e propósitos.

Importa, porém, agradecer ainda a generosa disponibilidade de estudiosos e artistas que, a convite da Universidade de Valencia, em Elche se reuniram para debater questões relacionadas com o *Misteri*, com as suas raízes, a sua história atribulada, os efeitos imprescindíveis do rodar dos tempos sobre uma representação que foi de ontem e tem de ser de amanhã. E, como seria de esperar, para recapitular a génese e o efeito de outras manifestações similares que, pela Espanha fora, mereceram ou continuam a merecer os louvores dos privilegiados que a elas acedem. Ou ainda (lembrando o que de vez em quando convém lembrar) para uma reapreciação geral da qualidade indesmentível do *velho* mas nunca envelhecido teatro hispânico que, pelo menos desde o século XII, em Castela (*Auto de los Reyes Magos*) e, talvez antes, na Catalunha e no País Valenciano (actuais), tem mostrado estar apto para de enfrentar a competição de muitos e mais *jovens* meios de ensinar, enternecer e distrair.

Assim nasceram o *V Festival de teatre i música medieval* e o *Seminari teatre medieval, teatre viu*, entre 24 de Outubro e 1 de Novembro. Vozes críticas autorizadas no campo dos estudos literários e do teatro levaram achegas, fizeram o ponto da situação das pesquisas em curso, abordaram sectores menos conhecidos da antiga literatura dramática.

Sempre com o mesmo e oportuno objectivo de confirmar que nem os textos estão mortos nem as representações passaram de moda. O que, aliás, ficou demonstrado com a actuação de companhias e de agrupamentos musicais que diariamente complementaram as conferências e as mesas redondas.

Falou-se, reflectiu-se, apreciou-se.

Pelo que aos textos respeita, particularmente úteis se revelaram as panorâmicas (teatro castelhano, teatro catalão, teatro galego, teatro basco, este último com insuspeitadas relíquias como um extenso auto de *Santiago* que dramatiza toda a vida do santo, desde os começos da pregação até aos milagres posteriores à morte); perspectivas novas permitiram redimensionar

as andanças seculares de certos autores e de certas obras (não faltaram as referências ao nosso Gil Vicente); a saudação carinhosa a alguns especialistas da matéria facilitou a revisão cuidada de pontos de vista.

Comediantes, músicos, cantores ofereceram inesquecíveis espetáculos, religiosos ou profanos, ao ar livre ou em recintos amuralhados, em salas bem apetrechadas ou em espaços aparentemente escolhidos de improviso. Santa Tecla e Santa Maria Madalena tornaram-se nossas interlocutoras, vimos a queima das bruxas, encontrámo-nos com Torquemada, escutámos coplas à Morte.

Foram dias muito cheios, dias em que se aprendeu com prazer; dias em que os olhos ficaram cativos de impressionantes quadros e as palavras dos entendidos nos alertaram para o grato dever de preservar da erosão dos anos a frescura de práticas que não têm necessariamente idade.

Foi um estímulo espanhol para os portugueses (serão poucos, serão muitos?) que se interessam por *estas coisas*; mãos à obra, que também entre nós descobriremos apetências para jornadas com igual vocação.

Embora, pela minha parte, tenha de confessar que, no regresso inevitável, era outra a convicção que me dominava: voltar a Elche...em homenagem à tradição.

Maria Idalina Resina Rodrigues